



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Thais da Silva César

*Diário do Hospício:*

**onde o testemunho é mediado pela literatura**

Rio de Janeiro

2023

Thais da Silva César

***Diário do Hospício:***  
**onde o testemunho é mediado pela literatura**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

B273 César, Thais da Silva.  
Diário do hospício: onde o testemunho é mediado pela literatura / Thais da Silva César. – 2023.  
122 f.

Orientadora: Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Barreto, Lima, 1881-1922 - Crítica e interpretação - Teses. 2. Barreto, Lima, 1881-1922. Diário do hospício - Teses. 3. Barreto, Lima, 1881-1922 - Diários – Teses. 4. Literatura brasileira – História e crítica - Teses. I. Figueiredo, Carmem Lúcia Negreiros de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Thais da Silva César

***Diário do Hospício:***  
**onde o testemunho é mediado pela literatura**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 14 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (Orientadora)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof. Dr. Marcus Vinícius Nogueira Soares  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof. Dr. Marcus Rogerio Tavares Sampaio Salgado  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

## **DEDICATÓRIA**

Em memória de cada uma das incontáveis vítimas dos hospícios.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Theonilo César, e à minha mãe, Iolanda da Silva César, que tão amorosa e generosamente lutaram para que eu tivesse acesso a muito mais do que eles próprios tiveram.

Ao meu companheiro, Álvaro Santana de Albuquerque Júnior, pelo incondicional apoio no mestrado e pelos litros de café compartilhados.

Aos meus antepassados, graças aos quais estou aqui hoje.

À minha orientadora, Carmem Lúcia Negreiros, pela dedicação incansável na orientação e por me ajudar a traduzir ideias muitas vezes ainda nebulosas na minha cabeça.

Aos professores da banca examinadora, em especial, aos professores Marcus Vinícius Soares e Marcus Rogério Salgado que, com seus questionamentos, tão generosamente contribuíram para o desenvolvimento da dissertação.

Aos professores do curso de graduação em Letras Português-Literaturas da UERJ, todos eles importantes à sua maneira.

Aos professores do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ que, em diversos momentos, fizeram com que eu enxergasse o mundo de uma nova maneira.

O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso.

*Mario Quintana*

E eu quero é que esse canto torto feito faca  
corte a carne de vocês.

*Belchior*

## RESUMO

CÉSAR, Thais da Silva. *Diário do hospício*: onde o testemunho é mediado pela literatura. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Seja quando advém dos relatos dos sobreviventes da Shoah, seja quando advém das convulsões políticas ou dos excluídos de espaços produtores de conhecimento da América Latina, a “literatura de testemunho” sempre guarda uma relação com a violência. Muito antes do surgimento do termo “literatura de testemunho”, na *Belle Époque* carioca do início do século XX, a violência já relegava pobres, negros, imigrantes, alcoólatras, ou qualquer outro que perturbasse a ordem social ao hospício. No Hospital Nacional de Alienados, com o respaldo da polícia e da ciência, como fez a tantos outros, a violência do progresso internou Lima Barreto (1881-1922) por delírios alcoólicos de 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920, período em que o autor escreveu as tiras que deram origem postumamente a *Diário do Hospício*. Como representante da estratégia do Estado de excluir amparando-se no racismo e na pobreza, o hospício tornava o tempo e os corpos dóceis. Em *Diário do Hospício*, porém, o testemunho passa pelo tempo do diário, e o tempo do diário passa pelo tempo da memória, sendo esse testemunho também perpassado pela linguagem da crônica, do romance e do conto, sem esgotar outras possibilidades. De dentro dos muros do hospício, pela voz de autor, o interno-narrador-escritor descortina a criação do doente pela ciência e questiona a própria fronteira entre os gêneros literários, respondendo à ciência da época e à violência do aprisionamento com um testemunho mediado pela liberdade da literatura.

Palavras-chave: Lima Barreto; *Diário do hospício*; testemunho; literatura.

## ABSTRACT

CÉSAR, Thais da Silva. *Diário do hospício*: where the testimony is mediated by literature. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Whether it comes from the reports of survivors of the Shoah, whether it comes from political upheavals or from those excluded from knowledge-producing spaces in Latin America, “testimony literature” always has a relationship with violence. Long before the emergence of the term “testimony literature”, in Rio’s *Belle Époque* at the beginning of the 20th century, violence already relegated poor people, black people, immigrants, alcoholics, or anyone else who disturbed the social order to the hospice. At the Hospital Nacional de Alienados, with the support of the police and science, as it did for so many others, the violence of progress admitted Lima Barreto (1881-1922) for alcoholic delusions from December 25, 1919 to February 2, 1920, a period in which the author wrote the strips that posthumously gave rise to *Diário do Hospício*. As a representative of the State’s strategy of excluding based on racism and poverty, the hospice made time and bodies docile. In *Diário do Hospício*, however, the testimony passes through the time of the diary, and the time of the diary passes through the time of memory, and this testimony is also permeated by the language of the chronicle, the novel and the short story, without exhausting other possibilities. From within the walls of the hospice, through the voice of the author, the inmate-narrator-writer uncovers the creation of the patient through science and questions the very border between literary genres, responding to the science of the time and the violence of imprisonment with a testimony mediated by the freedom of literature.

Keywords: Lima Barreto; *Diário do hospício*; testimony; literature.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>POR QUE UM TESTEMUNHO?</b> .....	13
1.1	<b>Testemunhos e diários</b> .....	13
1.1.1	<u>Tempo como resistência: o calendário, o espaço e a memória</u> .....	19
1.2	<b>Sobre o ético do testemunho</b> .....	25
1.2.1	<u>Quando o ético passa pelo estético</u> .....	28
1.3	<b>Um vínculo estreito com a história</b> .....	38
1.4	<b>Entre <i>testis</i> e <i>superstes</i></b> .....	47
2	<b>UM TESTEMUNHO SINGULAR</b> .....	51
2.1	<b>Tempos novos e singulares</b> .....	51
2.2	<b>Um testemunho híbrido</b> .....	59
2.3	<b>Algumas contradições e fronteiras</b> .....	67
3	<b>DENTRO DOS MUROS DO HOSPÍCIO</b> .....	71
3.1	<b>Os “mestres da loucura”</b> .....	71
3.2	<b>Guardas e enfermeiros</b> .....	85
3.3	<b>Internos</b> .....	95
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	109
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	112

## INTRODUÇÃO

Motivado pela ascensão da interioridade psicológica e do tempo marcado pelo relógio, o XIX foi o século dos diários íntimos. Dentro das casas burguesas, seus autores, sujeitos modernos que recorriam a uma introspecção recém-descoberta, elaboravam um eu no papel para tentar entender as turbulências que transformavam o mundo, modernizavam as cidades e alteravam de modo drástico sua sensibilidade e seus modos de percepção.

Por motivos bem menos nobres, o XX foi o século dos testemunhos. Marcado por duas grandes guerras mundiais, genocídios e milhões de mortos, foi pelo relato de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente da chamada “literatura da Shoah”, que adveio uma das noções fundadoras de testemunho, em que a vontade de resistir e a necessidade de narrar parecem crescer de modo proporcional à hostilidade do mundo. Na América Latina, o termo “literatura de testemunho” ganhou força somente a partir de 1970, com a criação, no *Prêmio Casa das Américas*, da categoria *testimonio*, que passou a abarcar as narrativas oriundas das convulsões políticas da América Latina e, posteriormente, na década de 80, com o testemunho de Rigoberta Menchú em *Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência*, publicado a partir do depoimento dado à antropóloga venezuelana Elizabeth Burgos-Debray. Em comum, todas as noções fundadoras de testemunho parecem guardar uma relação com a violência.

Violência também é o que aparece no cerne da relação entre testemunhos e diários; ambos fortalecidos pela desconstrução do sujeito e pela violência das guerras e massacres mundiais, quando se passou a lutar contra um extermínio não apenas interno e resultado do embate entre os vários “eus” fragmentados, mas advindo de um mundo externo e hostil que tentava cada vez mais exterminar e estilhaçar corpos, moral ou literalmente.

A despeito da origem que os aproxima, enquanto ao diário íntimo<sup>1</sup> interessa a insignificância (BLANCHOT, 2005, p. 273), ao testemunho interessa a própria significância, caracterizando-se por uma excepcionalidade que exige ser relatada (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 47). Entre o século XIX, marcado pelos diários, e o XX, marcado pelos testemunhos, a obra *Diário do Hospício* – narrativa de um testemunho através do diário, onde o extraordinário é narrado pelo meio que usualmente serve ao ordinário – traz a peculiaridade de conjugar am-

---

<sup>1</sup> Sempre que me referir ao diário nesta dissertação, refiro-me ao diário íntimo.

bos. Antes que o termo “literatura de testemunho” ganhasse força na América Latina e que a “literatura da Shoah” sequer existisse, as anotações que lhe deram origem foram feitas por Lima Barreto (1881-1922) durante a sua segunda internação por delírios alcoólicos no Hospital Nacional de Alienados, de 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920. Inicialmente a lápis em setenta e nove tiras de papel – ora pautado, ora sem linha alguma –, rascunhadas tanto na frente quanto no verso, elas já guardavam essa relação entre literatura de testemunho e violência de uma forma muito particular.

Organizadas por Francisco de Assis Barbosa, após um processo de edição, as anotações de Lima Barreto em sua internação no hospício deram origem à publicação póstuma de *Diário do Hospício* em 1953 pela editora Mérito, e posteriormente pela Editora Brasiliense. Todavia, apesar de muito estudada desde a sua primeira edição, seja como elaboração de fatos com vistas ao romance *O cemitério dos vivos* (CANDIDO, 1987, p. 47); seja como hibridização de registros próprios à autobiografia, à crônica e à elaboração ficcional que convivem no diário (ROCHA, 2008, p. 135) ou, ainda, como uma narrativa-limite decorrente de uma situação-limite (HIDALGO, 2008, p. 1); não houve ainda estudo relevante que abordasse a obra sob a perspectiva de um testemunho mediado pela literatura. Desse modo, adotando uma perspectiva não comumente usual, a dissertação pretende, ao reconfigurar a leitura da obra, contribuir para a sua fortuna crítica.

Para tanto, no primeiro capítulo, são apresentadas algumas das características que possibilitam a leitura de *Diário do Hospício* sob a perspectiva de um testemunho.

Enquanto o diarista, em princípio, parece satisfeito em escrever para si mesmo, o testemunho encontra na dialogicidade uma razão para existir. Segundo Seligmann-Silva (2008, p. 66), é ela que possibilita construir uma ponte redentora com a escuta do outro e torna possível resgatar aquele que testemunha de uma experiência em que se viu sitiado. Se entre as tiras onde se deram as anotações de Lima Barreto e a publicação de *Diário do Hospício* houve modificações, no cerne do processo de escritura da obra – precário e improvisado, ainda que mediado por um processo de edição –, permanece a urgência de narrar. Nela, a dialogicidade do testemunho – tanto do hospício, como da sociedade da época – parece se conjugar à dialogicidade do próprio escritor, que escreve para ser publicado e lido. Persegui-las é o que motiva o narrador a buscar estratégias narrativas para lidar com o excepcional e inenarrável do que se pretende testemunhar e passa simultaneamente pela busca do interno por uma escuta do outro e pela busca do escritor por um leitor, de tal modo que, assim como não é possível, nes-

se interno-narrador-escritor, separar o interno do escritor, não é possível separar uma dialogicidade da outra.

Longe de se oferecer de modo instantâneo e imediato, o testemunho depende do processo de organização sobre o qual se debruça o narrador. Nesse sentido, em *Diário do Hospício*, as características dos diários íntimos são essenciais para a sua elaboração. Dentre elas, fragmentar o que se tenta dizer se torna parte natural, bem como propor um emaranhado de fios narrativos, cuja não linearidade reflete a própria dissensão inerente à elaboração do testemunho, com mudanças repentinas de assuntos que podem ou não ser retomados mais tarde.

Como experiência extraordinária que jamais poderá ser plenamente recuperada pela linguagem, e que já nasce incompleta e fragmentada, o testemunho de *Diário do Hospício* também se utiliza da ruminação alucinatória do diarista. Imerso e concentrado num trabalho de elaboração que se dá de forma fragmentada, em que a repetição se torna uma tentativa de entendimento, frequentemente o narrador retoma fios narrativos anteriores que se entrelaçam numa teia não linear; retomada que não impede – e talvez até favoreça – as lacunas, as quais se tornam parte da própria tessitura e talvez indiquem a busca do narrador por um eu que a todo momento parece esfacelar-se.

Em um lugar onde o tempo parece não passar, além de aferrar-se às características narrativas do diário íntimo; como forma de referenciar-se no tempo, o narrador também se aferra à principal marca desse gênero: a data. Enquanto a tentativa de fragmentação da subjetividade dos internos pelo hospício está relacionada à fragmentação do gênero diário e à elaboração incompleta do testemunho, a marcação temporal do diário possibilita ao narrador um tempo diferente do tempo do hospício e funciona como resistência, característica que, segundo Salgueiro (2012, p. 292) está presente em muitos testemunhos. Contudo, em *Diário do Hospício*, o tempo do diário é a todo o tempo perpassado pelo tempo da memória e, além disso, o narrador ainda define outros marcos temporais.

Numa sociedade que se apoiava em discursos higienistas, onde a loucura estava associada à degenerescência moral e ligada à inferioridade racial, ao alcoolismo e à história familiar dos pacientes; é no hospício, lugar onde os internos são por sua própria condição deslegitimados, que emerge a voz deste interno-narrador-escritor. Apesar do poder que o médico exercia no hospício; em *Diário do Hospício*, é o interno-narrador-escritor quem examina a ciência, os médicos, guardas, internos, e a própria sociedade da época, ao desvelar o caráter de violência e arbitrariedade das internações do início do século XX e problematizar os limites do cientificismo no tratamento da loucura.

Levado ao hospício, como tantos outros, também pelas mãos da polícia; pobre, negro e alcoólatra, Lima Barreto era sobretudo escritor. Internado de forma arbitrária e reduzido a uma condição de interno que tentava silenciá-lo – e a tantos outros –, sua voz de escritor lhe outorga uma voz negada a outros internos. Ainda que como interno não tivesse voz, faz reverberar sua voz de escritor a tantos internos na mesma condição, dotando a narrativa do caráter ético tão importante em testemunhos. Todavia, ainda que ao testemunho seja autorizado transgredir o caráter estético em função do ético, o narrador de *Diário do Hospício* utiliza o estético em prol do ético. É isso que torna este testemunho ainda mais particular, pois é a voz de escritor que lhe permite preservar uma parte de sua subjetividade como inexpugnável pelo ambiente de aniquilamento e dessubjetivação, conferindo-lhe uma legitimidade que a instituição insistia em tentar tomar. Ao se aferrar a sua voz de escritor e acionar a literatura para elaborar seu testemunho, esse interno-narrador-escritor faz o próprio estético cumprir um papel ético, servindo à literatura e ao testemunho simultaneamente.

O segundo capítulo pretende discutir como a ciência e a psiquiatria da época serviram como instrumentos do Estado para excluir os que não eram interessantes à satisfação do desejo de obter uma nação branca, e como elas trabalharam com afinco para internalizar e naturalizar o discurso da inferioridade do negro e do pobre. Enquanto as ruas da *Belle Époque* carioca do início do século XX, inspiradas no planejamento dos bulevares parisienses e no projeto do barão de Haussmann, respiravam progresso; enquanto a Avenida Central com seu caráter suntuoso introduzia na capital a atmosfera cosmopolita ansiada pela nova sociedade republicana e oferecia um cenário para o seu desfile ostensivo; a medicina se aliava ao Estado na criação de uma nova tecnologia de poder capaz de controlar os indivíduos e as populações, legitimando o hospício a encobrir pobres, negros, imigrantes, alcoólatras ou qualquer outro que perturbasse a aparente ordem social. Sob a violência da ciência e do racismo, ali jaziam os excluídos do projeto de nação. A ela, que tentava tornar dóceis os corpos, o autor de *Diário do Hospício* responde perpassando sua obra por um hibridismo de gêneros e uma narrativa avessa a classificações e indocilizável.

O terceiro capítulo pretende finalmente explorar dentro dos muros do hospício para mostrar aqueles que o faziam funcionar: médicos, guardas, enfermeiros e internos. Através deles, vamos reconhecer as estratégias com que o autor denunciou a violência da época, bem como seu olhar sensível de escritor que, através da literatura, devolveu aos internos a humanidade subtraída pela ciência.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: inferno**. Tradução de Jorge Wanderley. São Paulo: Record, 2010.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- AMO, Alvaro Luque. El diário personal em la literatura: Teoría del diário literário, **Castilla. Estudios de Literatura**, v. 7, p. 273-306, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.24197/cel.7.2016>. Acesso em: 27 dez 2022.
- ARANTES, Marco Antônio. Hospício de doutores. **História, Ciências, Saúde – Mangui-nhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 49-63, jan./mar. 2008.
- ARFUCH, Leonor. A vida como narração. *In*: ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 111-150.
- ARFUCH, Leonor. Vidas de escritores. *In*: ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 209-237.
- ARRIGUCCI, David. Fragmentos sobre a crônica. *In*: ARRIGUCCI, David. **Enigma e Comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto: 1881-1922**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BARNET, Miguel. **Biografía de un cimarrón**. Buenos Aires: Centro editor de América Latina, 1977.
- BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos vivos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaiás Caminha**. Rio de Janeiro: Penguin-Companhia, 2010.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- BARRETO, Lima. Uma entrevista. A Folha, Rio de Janeiro, 31 jan. 1920. *In*: BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos vivos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 233-235.
- BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

BARTHES, Roland. Deliberação. *In*: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 445-462.

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In*: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade, racismo e extermínio II. *In*: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 83-105.

BELCHIOR. **A palo seco**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/belchior/a-palo-seco.html>. Acesso em: 06 out. 2023.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-198; 222-234. (Obras Escolhidas, v. 1).

BIRMAN, Daniela. Testemunhos visuais na literatura do hospício: Lima Barreto e Maura Lopes Cançado. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 31, p. 99-100, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/31393>. Acesso em: 06 de maio 2022.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. *In*: BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 270-278.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 309-322, 1995.

BOSI, Alfredo. Prefácio. O cemitério dos vivos: Testemunho e ficção. *In*: BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos vivos**. Organização e notas Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRASIL. Decreto nº 82, de 18 de julho de 1841. Fundando um Hospital destinado privativamente para tratamento de Alienados, com a denominação de Hospício de Pedro Segundo. **Coleção Leis do Império-1841**, p. 49, pt 2 (publicação original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-82-18-julho-1841-561222-publicacaooriginal-84711-pe.html#:~:text=Fundando%20hum%20Hospital%20destinado%20privativamente,de%20Hospicio%20de%20Pedro%20Segundo>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BRASIL, Decreto nº 206-A, de 15 de fevereiro de 1890, Aprova as instruções a que se refere o decreto n. 142 A, de 11 de janeiro último, e cria a assistência médica e legal de alienados. **Coleção de Leis do Brasil – 1890**, p. 276, v. 1 fasc. 2. (publicação original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-206-a-15-fevereiro-1890-517493-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 de março de 2022.

BRASIL, Decreto nº 508, de 21 de junho de 1890, Aprova o regulamento para a Assistência Médico-Legal de Alienados. **Coleção de Leis do Brasil – 1890**, p. 1333, v. 1, fasc. VI (publicação original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-508-21-junho-1890-510846-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BRASIL. Código Penal. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. **CLBR**, 13 dez. 1890, Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d847.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm). Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. Decreto nº 1132, de 22 de dezembro de 1903. Reorganiza a Assistência a Alienados. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, RJ, 24 dez. 1903, Seção 1. p. 5853. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1132-22-dezembro-1903-585004-publicacaooriginal-107902-pl.html#:~:text=Emquanto%20n%C3%A3o%20possuirmos%20os%20Estados,que%20especialmente%20se%20lhes%20reservem>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. **Base de Dados História e Loucura**. Disponível em: <http://historiaeloucura.gov.br/index.php/hospital-de-pedro-ii>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BURGOS-DEBRAY, Elisabeth; MENCHÚ, Rigoberta. **Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. *In*: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 39-50.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão” (Prefácio). *In*: ANDRADE, Carlos Drummond *et al.* **Para gostar de ler**: crônicas. v. 5. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. O autor entre punição e proteção. *In*: CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998. p. 22-45.

CORRÊA, Mariza. Apresentação: Comunidades de conversação. *In*: MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil**: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar**: o escritor como caminhante. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

CULLER, Jonathan. Identidade, Identificação e Sujeito. *In*: CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: Uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999. p. 107-117.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da Ordem**. A doença mental na República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo** – Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Recordações da casa dos mortos**. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. São Paulo: Edibolso, 1978.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

ELIOT, T.S. **Ensaio**. São Paulo: Arte Editora, 1989.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios** (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001

ENGEL, Magali Gouveia. As fronteiras da “anormalidade”: psiquiatria e controle social. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 547-563, nov. 1998/fev. 1999.

ENGEL, Magali Gouveia. Os Henriques de Lima Barreto e as experiências com a loucura: um destino inexorável? **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 14, p. 8-26, 2021.

FACCHINETTI, Cristiana *et al.* No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 733-768, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/S8QTQyj7LKfQv6945XYs5Bn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERLA, Alcindo Antônio; OLIVEIRA, Paulo de Tarso Ribeiro; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. Medicina e Hospital. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 23, n. 3, p. 487-500, set./dez. 2011.

FERNANDES, Mariana Patrício. Para não se acostumar à prisão: a leitura dos diários do hospício de Maura Lopes Cançado, Lima Barreto e Torquato Neto como uma experiência limite. *In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC*, São Paulo, 2008. **Anais do XI congresso da ABRALIC**. São Paulo: ABRALIC, 2008.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. Lima Barreto: Nação e Raça em pontos de cor. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 43-62, set./dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969) *In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3, p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FOUCAULT, Michel. A casa dos loucos. *In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 190-212.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. *In:* FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 143-170.

FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. *In:* FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019. p.171-189.

FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. *In:* FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 234-243.

FOUCAULT, Michel. Aula de 15 de janeiro de 1975. *In:* FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 39-68.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. *In:* FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 133-166.

FOUCAULT, Michel. O Panoptismo. *In:* FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 190-219.

FOUCAULT, Michel. Os recursos para o bom adestramento. *In:* FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 167-189.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: O desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Após Auschwitz. *In:* SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 89-110.

GARZONI, Leriche de Castro. Nas fronteiras do não-trabalho: trabalhadoras pobres e as definições de vadiagem no início do século XX. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 65-93, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2009v1n2p65>. Acesso em: 25 maio 2022.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 61-66, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55604/33808>. Acesso em: 18 jun. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GORDON, Lewis Ricardo. Prefácio. *In:* FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Cascatas de modernidade. *In:* GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 9-32.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. Saneamento, eugenia e literatura: os caminhos cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato.(1914-1926). *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. *In: NOVAES, Adauto. Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 35-58.

HERSCHMANN, Micael. Entre a insalubridade e a ignorância. A construção do campo médico e do ideário moderno no Brasil. *In: HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone Petraglia; NUNES, Clarice. Missionários do Progresso: Médicos, Engenheiros e Educadores – 1870-1937*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1996. p. 7-67.

HIDALGO, Luciana. A loucura e a urgência da escrita. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2008000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 de jun. 2021.

JARDIM, Alex Fabiano Correia; MAIA, Cláudia de Jesus. Loucura e literatura: aproximações entre Lima Barreto e Michel Foucault. **Poiesis: Revista de Filosofia, Montes Claros**, v. 12, n. 1, p. 60-73, 2015.

KESEY, Ken. **Um estranho no ninho**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KNOLL, Ana Carolina de Azevedo Mello. O leitor Lima Barreto: a literatura como resistência e abertura para novas possibilidades. *In: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA*, 4., 2020, São Paulo. **Anais do VI Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira FFLCH-USP**, 2020. p. 155-161.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). 10ª edição. São Paulo: Editora Ática, Digital Source.

LEJEUNE, Philippe. Diários e blogs. *In: LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 255-369.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. *In: LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 13-109.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MAGNONI, Maria Salete. Do diário ao romance: ficcionalizando uma experiência-limite. **Teresa**, São Paulo, n. 14, p. 246-250, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. Paratopia. *In: MAINGUENEAU, Dominique. Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2018. p. 87-147.

- MAINGUENEAU, Dominique. O posicionamento. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2018. p. 149-208.
- MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. **Lua Nova**, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004.
- MARCO, Valeria de. Questões sobre a literatura de testemunho. **Língua e Literatura**, São Paulo, n. 25, p. 153-167, 1999.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche: consciência e inconsciente. *In*: MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial, 2000. p. 167-182.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche e Descartes: filosofias de epitáfio**. O que nos faz pensar [S.l.], v. 11, n. 14, p. 7-23, ago. 2000. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/142>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- MELO, José Radamés Benevides de. **A constituição do Autor-criador em “O cemitério dos vivos”, de Lima Barreto**: reflexões iniciais. II Encontro de Estudos Bakhtianos. Vida, Cultura, Alteridade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2013.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MOSÉ, Viviane. O Sujeito moderno. *In*: MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, Editora Anita Garibaldi, 2014.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NEGREIROS, Carmem. **Lima Barreto em quatro tempos**. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira**. São Paulo: Editora Hedra Ltda., 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Tradução de Marcos Sinésio P. Fernandes e Francisco José D. de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 13 n. 35, p. 167-198, jan./abr., 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/vfdbdpstqSj3P9gLWcFRs7g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2022.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 297-350.

PICARD, Hans Rudolf. **El diário como género entre lo íntimo y lo público**, Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, p. 115-122, 2006. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/el-diario-como-gnero-entre-lo-ntimo-y-lo-pblico-0/>. Acesso em: 27 dez 2021.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1515-1529, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/WmBG9DzdL4CPnT7VHxCmDkw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

RABINOVITCH, Gérard. Preocupa o teu próximo como a ti mesmo. Notas críticas a *Modernidade e Holocausto*. de Zygmunt Bauman, **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul./dez. 2003, p. 301-320.

REFLETIR, *In*: Origem da palavra. 2023. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/refletir/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

REIS, Eloésio Paulo dos. Loucura e literatura – Esboço de um mapa. **Trem de Letras**, Alfeñas, v. 1, n. 1, p. 196-211, 21 nov. 2012. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/73/57>. Acesso em: 20 maio 2021.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Destecendo a rede conceitual da crônica: discussões em torno da crítica e projeções no ensino do gênero menor. **Encontros**, Departamento de História do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, ano 11, n. 20, p. 63-83, 2013.

ROBERTO, Isabella Alessandra Cortada. Shoah e literatura de testemunho: o campo concentracionário enquanto lugar de memória. **CEM – Cultura, Espaço e Memória**, Porto, 11, p. 45-56, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/10423/9489>. Acesso em: 20 maio 2022.

ROCHA, Fátima Cristina Dias. Lima Barreto e a hibridização dos gêneros literários. *In*: XII-CIFEFIL, 2008, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNFL**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, v. 12, n. 07, 2008, p. 133-144.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, jul./dez.

2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso em: 18 de jun. 2021.

SALLA, Thiago Mio. O desenrolar da crônica no Brasil: história da permeabilidade de um gênero. **Quadrant**, Montpellier, v. 27, n. 3, p. 127-152, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. As epistemologias do Sul: da crítica à alternativa. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar**: Abrindo a história do presente. Tradução de Luís Reys Gil. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo, 2022. p. 50-70.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A ferida, a luta e a cura. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar**: Abrindo a história do presente. Tradução de Luís Reys Gil. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo, 2022. p. 97-100.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Teses sobre a descolonização da história. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar**: Abrindo a história do presente. Tradução de Luís Reys Gil. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo, 2022. p. 71-96.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 401-420, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BdSBLb4vtb3dGT43bk9DL5M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. Loucura e literatura: a dimensão social da loucura e sua representação na narrativa de Lima Barreto. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 27, n. 2, p. 372-382, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23180714.2012.27.2.372-382>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 138-169, jan./jun. 2004.

SANTOS, Nádia Maria Werber. Lima Barreto muito além dos cânones: prefaciadores, brasilidade modernista e representações literárias. *In*: RAMOS, Alcides Freire; VANGELISTA, Chiara; PATRIOTA, Rosangela (org.). **Circularidades Políticas e Culturais**: Percursos Investigativos. São Paulo: Hucitec, 2012, p. 58-75.

SANTOS, Raul Almeida dos. A função da criação literária como tema em *O cemitério dos vivos* de Lima Barreto e *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus. **Opiniões**, São Paulo, n. 18, p. 120-136, 2021.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista**: mercadorias e cultura urbana. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014. (Coleção cidades).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A História como trauma. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio; NESTROVSKI, Arthur (org.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens*. **Remate de Males**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 31-45, jan./jun. 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 45-58.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: A escritura da memória. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 387-413.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 7-44.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 371-385.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 59-88.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Santa Maria, v. 16, p. 9-37, jan./jun. 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. **Tempo e Argumento: Revista do programa de Pós-Graduação em História**. Florianópolis, v.2, n.1, p. 3-20, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894/1532>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A colônia penal de Kafka, ou as vicissitudes da colonialidade. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022. p. 311-341.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Do historicismo ao dever de lembrar os vencidos: a virada ética da rememoração. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022. p. 86-112.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar**. Ética para uma cidade aberta. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In*: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil – v. 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 513-620.

SIBILIA, Paula. Eu visível e o eclipse da interioridade. *In*: SIBILIA, Paula. **O show do eu. A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 89-113.

SILVA, Cinthia Mara Cecato; SALGUEIRO, Wilberth. O hospício de outrora sob o juízo de Lima Barreto. **Contexto**, Vitória, n. 34, p. 290-319, 2018.

SILVA, Guilherme Bertassoni da; HOLANDA, Adriano Furtado. Primórdios da assistência em saúde mental no Brasil (1841-1930), **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 27, out. 2014, p. 127-142.

SILVA, João Gonçalves Ferreira Christófar. Edição e ficção. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 276-287, jan./abr. 2013.

SILVA, Priscila Thayane de Carvalho; SILVA, Camila Ferreira da; GAMA, Fernanda Cavalcante. O racismo científico no Brasil: os discursos discriminatórios nas gêneses das Escolas de Direito e Medicina e o uso do título de doutor nas profissões. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 57, n. 1, p. 1-12, jan./dez., 2022.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

THOREAU, Henry David. **Andar a pé**. Tradução de Sarmento de Beires e José Duarte. [S.l.]: eBooksBrasil.com/Exilado, 2003. (Edição Kindle).

VERNE, Jules. **Vinte mil léguas submarinas**. Tradução de Julia Rosa Simões. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.